



## Demasiado Humano

*Theodoro Rodrigues Lima*

Falar desse corpo demasiado humano, de muitas representações e fazendo um recorte das posturas que vi e vejo, afirmo que nem sempre temos ou buscamos a melhor referência. Não quero aqui macular a masculinidade cis, porém sabemos dos caminhos perversos na tentativa de se colocar superior à mulher. Ao longo da História, sempre se referenciou a humanidade, os seres humanos, de “Homem”, e essa deveria ser vista como mais uma forma de repressão, de representatividade autoritária. Também, como a imagem e semelhança divina de “Deus”. Enfim, nessas linhas trago um monólogo que sempre faço e hoje tenho a oportunidade de compartilhar. Creio que nós, homens trans ou pessoas transmasculinas, não somos, nem nos colocamos ou não deveríamos apostar, na referência dessa masculinidade azedada, ultrapassada, tóxica. Elas não são e nós também não somos da costela. Somos protagonistas da nossa identidade. Reconhecer nosso corpo, e temos cada um nossa subjetividade, pela qual dialogamos com outros corpos e outras identidades. Somos a soma não apenas de células, mas a nossa composição são de referências e, assim, temos que ter cuidado com o que ouvimos, o que lemos, o que observamos. Não precisamos referenciar com o que é negativo, como a ideia de que a mulher deva ser subordinada, objetificar o corpo feminino, portanto, tenho pra mim que o movimento feminista, as intelectuais e pensadoras feministas já denunciam e mostram novas perspectivas para seguirmos e assim construir uma nova sociedade. Nada melhor que ouvi-las e praticar o que elas nos ensinam todos os dias, e assim trago a referência: “Querer ser livre é também querer livres os outros” (Simone de Beauvoir).

Na memória da minha infância, percebo que eu nunca fui a menina que todas e todos afirmavam. Eu fantasiava e percebo que sempre fui o que hoje me afirmo: Theodoro. Lembro-me das brincadeiras, pedalar, videogame, o medo de boneca (hoje entendo que simplesmente não me reconhecia naquela fantasia ou brincadeira de casinha). Até uns 8 anos, a mãe escolhia a roupa e o sapato. Sou da geração Xuxa: muitas roupinhas, sandálias e tênis. Sempre gostei de short, mas, quando minha mãe me apresentou à democracia de eu escolher minha vestimenta e calçados, finalmente pude expressar melhor que eu não era aquele nome, aquele gênero na certidão de nascimento. Então escolhia os famosos conjuntinhos: uns tinham carrinhos, outros eram blusas lisas



(talvez por essa razão aprecio camisetas básicas). Ao invés da sandalhinha X, escolhia uma Opanka (fazia sucesso na época). Óbvio que escutava o questionamento: “Essa roupa?” Mas, fui mostrando meu estilo, que depois de muitos anos ainda busco afirmar que é identidade de gênero. Sim, ainda estou pedagogicamente, seja com a família ou com os amigos afirmar o Theodoro. Creio que venho tendo sucesso. Dos presentes natalinos, minha mãe comprou, para minha irmã, um estojo de maquiagem, e para mim e meu irmão, uma camiseta igual, porém de cores diferentes. Ela até lembrou que eu adoro azul. Às vezes ela fala “tenho dois meninos”, mas infelizmente ainda me chama pelo nome do registro de nascimento. É um desafio grande: impor e também compreender o tempo, os limites e a questão geracional. Ainda, tentar diferenciar se, quando se referem a mim como “mulher”, não é uma provocação ou se realmente é um lapso da pessoa. Às vezes, até sou compreensivo, às vezes, nas brincadeiras, dizemos verdades ou aliviamos para não sermos iguais ao ofensor, e não perder de vista o projeto pedagógico de transformar o mundo.

Libertar nossas mentes é um processo valioso para construir uma nova perspectiva de ser humano, é uma ideia libertadora na possibilidade de transformar a sociedade, em buscar o nosso reconhecimento, nossa cidadania, emancipação, afirmar nossa identidade de gênero, tendo em vista um projeto político e, por essa razão, devemos exercer a democracia como um valor de humanidade, de garantir as mudanças com as quais comungamos, como sociedade justa e igualitária (enfrentamento à violência contra as mulheres, ao racismo, à LGBTfobia), e aqui destaco a importância da visibilidade trans e transmasculina. É preciso nos colocarmos, nos organizarmos e garantirmos que nossas especificidades possam ser dialogadas na sociedade, que possamos sermos vistos e lembrados. Isso acontece quando nos conectamos com os outros, quando até mesmo dentro do movimento LGBTQ+ e, até entre as pessoas travestis e transexuais, devemos chamar atenção para nossas pautas. Desta forma é preciso produzir conhecimento. Devemos consolidar as entidades que nos representam e assim possamos contribuir para a mudança da sociedade, como bem diz Angela Davis: “Temos que falar sobre libertar mentes, tanto quanto sobre libertar a sociedade.”

O outro corpo que busco é para além do falo. Como sabemos, nem todo homem trans ou pessoa transmasculina objetiva ter um falo. Eu, particularmente, mesmo diante do atual corpo em que habito, me sinto homem com H, e venho buscado outros significados, outras verdades sobre minha identidade, um outro compromisso não apenas nas relações amorosas com mulheres, mas de forma geral. Tenho aprendido



muito bebendo da fonte das feministas e lendo um pouco de cada vertente. Já tive um comportamento desprezível, pois antes muito me valia aquela representação tosca, aquela masculinidade ofensiva, o que hoje podemos resumir a “tóxica”. Porém, hoje, compreendo que era a forma de exercer tal virilidade, pela qual me sentia desafiado, como de vez em quando sou, no entanto, agora, sei como responder, e também pela razão da segurança. Como é bom amadurecer! Certa vez me disseram: “Olha a Fulana (mulher trans), ela eu consigo, mas o Theodoro, não sei, ele é delicado”. Como se não houvesse homens delicados e isso nada tem a ver com orientação sexual. De vez em quando, algumas pessoas que têm entendimento, não ignoram a causa, se referem a mim com pronomes ou adjetivos femininos, e ainda têm a cara dura de dizer “desculpa, mas falo assim com todo mundo, é costume”. Porém, nunca as vi falando assim com homens cisgêneros. São muitos os desafios. Nossos cotidianos são para além das preocupações gerais como estudar, trabalhar, vida amorosa nem sempre bem... às vezes somos fortes, mas, na maioria das vezes, apenas somos convincentes. Fingimos, para nós mesmos, que não fere, não dói, dizemos que aguentamos, porém sabemos o quanto nossa autoestima é atingida, o quanto essas feridas da transfobia atingem nossa saúde mental.

E, por essa razão, venho dando novo significado para o pênis, adorado pelos povos antigos como símbolo da fecundidade da natureza. Freud o conclui como símbolo do poder, muito ultrapassado, e creio que podemos construir uma sociedade na qual pênis, vagina e ânus não sofram cárceres. Não sejam tão julgados e punidos, que possam ser livres, que possam banir a opressão, e que sejam pertencentes do demasiado humano.